



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

GIULIANO GOMES DE ASSIS PIMENTEL

(depoimento)

2011

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Entrevistador: Rodrigo Duarte Ferrari

Local: entrevista realizada por email

Processamento da Entrevista: Rodrigo Duarte Ferrari

Páginas Digitadas: 5

Número da entrevista: E-287

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Rodrigo Duarte Ferrari intitulada *Gestão da informação e conhecimento em esporte e lazer: o caso do Repositório Institucional da Rede CEDES (RIRC)*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina em fevereiro de 2012.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em outubro de 2012.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>

SUMÁRIO

Participação do entrevistado na Rede CEDES; Produção acadêmica da Rede CEDES;
Repositório Institucional da Rede CEDES;

Rodrigo: Como foi a sua participação no processo de construção da Rede CEDES?

Giuliano: Já sou da “segunda geração”, quando a Rede não se configurava por “convite”, mas por edital público. Nesse caso, o conceito de Núcleo é algo muito vago, pois, no edital se vence com um projeto, no qual os recursos são consumidos. Minha participação a partir de dentro, como pesquisador, se iniciou, pois, com a aprovação do primeiro projeto, que demorou para ter os recursos transferidos para a UEM (cerca de um ano, por conta de ser uma instituição estadual). Mesmo assim houve sensibilidade da equipe da SNDEL em já nos considerar no sistema, já nos colocando (a mim e/ou a Profa. Larissa Michelle Lara) nas reuniões e plenárias do PELC, Rede CEDES e informação desportiva. Começamos a ir a essas reuniões e a opinar sobre os caminhos da Rede.

Rodrigo: Quais foram os núcleos e projetos que você coordenou ou participou?

Giuliano: UEM, o primeiro projeto foi coordenado pela Larissa Michelle Lara, porque o tema quilombola era mais pertinente ao que ela estudava (cultura corporal afrodescendente), mas minha presença era constante em todas as fases do projeto. Esse edital foi vencido e desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisas em Corpo, Cultura e Ludicidade, que à época congregava 7 doutores e um mestre. No segundo edital, tocamos a questão indígena e fui oficializado coordenador. A partir daí envolvemos mais grupos: O Laboratório de Etnografia Indígena, da História, e o GEL – Grupo de Estudos do Lazer, que eu criei com alunos de graduação em 2000 e que hoje é suporte para uma série de ações.

Rodrigo: Qual a importância histórica da Rede CEDES no âmbito do Esporte e Lazer brasileiro, assim como os limites e possibilidades de melhora dessa ação ministerial?

Giuliano: A Rede CEDES é uma experiência rica e plural. Seu legado ainda está por ser conhecido. Vejo que há a possibilidade dela ser um INEP do lazer, especialmente no que tange às políticas públicas. Seria um sonho. Podemos chegar lá. Bem, a Rede é uma construção coletiva, o que, naturalmente, atende à correlação de forças existente na comunidade científica brasileira do chamado campo sociocultural da Educação Física. Bourdieu diria melhor que eu, mas grosso modo, nem sempre os interesses do campo

convergem para os interesses da SNDEL, do Ministério do Esporte, do governo e muito menos da população. Há um preço nisso. Isso se vê em discussões que a SNDEL promove e as pessoas defendem suas linhas de pesquisa para o edital ao invés da pesquisa se pautar sobre as necessidades soberanas do povo brasileiro no tocante ao seu direito ao exercício cidadão do lazer (e como atender isso nas políticas públicas). A Rejane Penna Rodrigues já chegou a intervir, lembrando que a Rede CEDES não é um CNPq do B. Às vezes desanima porque a Rede CEDES parece uma ‘rede furada’, com o individualismo e jogo de interesses sobrepujando a coletividade. Para se ver, possivelmente a única coisa que os pesquisadores da Rede compartilhem (e olhe lá) é o Repositório. Não há muita tradição na produção em rede ainda. Porém, sou otimista justamente porque há essas reuniões para se forjar o embate interno e a comunidade amadurecer o debate. Assim, vejo que a metodologia das reuniões foi produtiva, para dar mais coesão à Rede. E qual é o debate? Para mim é: Como chegar à medida justa na construção de uma rede de colaboração em nível nacional que equilibre as atividades-meio (o Repositório, talvez seja um exemplo) e as atividades-fim (a produção que oriente, critique, recrie as políticas públicas).

Rodrigo: Como você avalia a Rede CEDES em comparação com outros programas no Ministério do Esporte, como o Segundo Tempo?

Giuliano: Tenho experiência no PST, especialmente por conta do projeto Recreio nas Férias. Aliás, por que a produção do PST não está replicada no Repositório? Vamos pensar nisso! Bem, vejo que ideias produzidas na Rede inspiram ações nos outros programas. A Rede vem servindo para alimentar essa articulação entre setores, o que é positivo. Creio que ainda se carece de haver mais pesquisa sobre os outros programas do Ministério do Esporte no âmbito da Rede CEDES. Estive em Estrela (RS) e lá teve PST e PELC. O que a gestora local desenvolveu? Ela ‘sincretizou’ as metodologias de ambos e obteve maior eficácia nas ações desenvolvidas pelo município no âmbito das suas políticas de lazer esportivo. Ela até foi premiada no Prêmio Brasil de Inclusão social, do próprio Ministério do Esporte. Confira. A questão é: por que nós pesquisadores não vamos lá e aprendemos com a experiência da base? Os bons gestores estão saindo das amarras dos programas e mostrando o caminho. Minha confiança é que a Rede CEDES seja a maior aposta nessa inter-setorialidade (não por menos, esse foi tema de um grandioso congresso do PELC, em 2008, Brasília).

Rodrigo: Como você avalia as possibilidades de continuidade da Rede CEDES em função da transição de governo e gestores do ME? (Extinção da SNDEL)

Giuliano: Seria lastimável, um desserviço público a ser combatido só à menção dessa possibilidade. Basta recorrer ao que coloquei anteriormente para perceber que a Rede é a sinapse do ME. Precisamos é melhorar as conexões, não de dizimá-las.

Rodrigo: Qual a importância do Acesso Aberto à informação e conhecimento científico para área do Esporte e Lazer?

Giuliano: Acesso aberto é uma questão fundamental em âmbito universal, resguardando os aspectos de soberania em cada país. Tanto na ciência quanto na gestão, a área do lazer e esporte é muito dinâmica e sempre exige comparações. Quanto mais experiências publicadas e disponíveis, mais facilmente pesquisadores e gestores podem buscar dados para fundamentar ou inspirar soluções criativas aos novos e velhos problemas.

Rodrigo: Você publicou algum livro a partir das pesquisas da Rede CEDES? Quais? Como os livros foram licenciados (Direitos autorais)?

Giuliano: Estamos em processo simultâneo de três livros. Dois indígenas: Um deles será financiado pela Fundação Araucária de apoio à pesquisa, do governo do Paraná, mas a partir dos dados da pesquisa financiada pela Rede. Já o livro sobre o lazer/esporte quilombola tem 500 páginas e reflete dois anos de trabalho de campo, visitando todas as comunidades do estado (mesmo processo também feito nas 30 terras indígenas do Paraná). Tudo pela editora universitária da UEM. Não nos preocupamos e nem sabemos sobre o licenciamento, mas é algo que deve ser flexibilizado mesmo, pois o dinheiro é público e o conhecimento deve girar sem barreiras de direitos autorais. Aliás, não só o livro deveria estar aberto à consulta, como deveria haver tecnologia (se há) para o livro ser refeito a cada vez que outro pesquisador der sua crítica ou sugestão ou mesmo se algum sujeito pesquisado ponderar sobre a necessidade em mudar alguma análise ou descrição. Enfim, precisamos de obras de acesso aberto nesses dois sentidos.

Rodrigo: Qual a importância do Repositório Institucional da Rede CEDES no âmbito do Esporte e Lazer brasileiro?

Giuliano: É um ponto de encontro, como o álbum da família onde todos guardam num só lugar a memória coletiva da família. Se há rede, há memória (produção) coletiva. E nos vários sentidos: artigos, reportagens, fotos, filmes, entrevistas autorizadas, etc. Lá, alguém que está em outro lugar, deve encontrar fonte para novas pesquisas e soluções para seus problemas. Obviamente que o Repositório é limitado ao que se pesquisa, sendo ainda de interesse muito restrito, inclusive entre os pesquisadores, pouco sintonizados ainda com a ideia de coletividade. O Repositório não é o projeto do Giovani de Lorenzi ou algo de uma gestão. Ele é um lugar virtual onde todos se conectam e compartilham informações.

Rodrigo: Como você avalia o uso do RIRC em relação ao auto-arquivamento e a proposta de organizar, preservar e disponibilizar as produções da Rede CEDES?

Giuliano: Não tenho capacidade para avaliar. Apenas percebo que a divisão só por núcleos é limitadora. Precisamos refundar os arquivos em séries temáticas: gestão da informação, memória do esporte, PST, PELC, Esporte de rendimento, Populações indígenas, etc, etc, etc.

Rodrigo: Você acha que a proposta do RIRC deveria ser ampliada para contemplar outros programas e ações do ME? Por quê?

Giuliano: Sim. Pela intersectorialidade. O conhecimento não tem barreiras (entre programas). Acho também que a Rede poderia estar aberta para produções fora do PELC que sejam de interesse público no campo das políticas públicas. Por que a memória do ENAREL precisa de projeto financiado pela Rede para estar no repositório? Se somos mesmo uma rede, não é o financiamento que deve nortear a inclusão no sistema.

Rodrigo: Qual a importância que o senhor atribui a disponibilização das suas próprias produções no Repositório? Quais são as dificuldades que o senhor identifica para a massificação desse processo?

Giuliano: Internamente, dificuldade é começar. Creio que o Repositório tem um acesso difícil. Informações de suporte têm o mesmo destaque que o coração da coisa. Ainda o repositório não tem vida própria, está muito dependente do acesso pelo grupo de pesquisa da UFSC. Enfim, o layout da coisa espanta o acesso. Depois de superada a fase de estranhamento, é muito similar a qualquer outro sistema (Lattes, SEER) ao qual todo pesquisador está acostumado a operar.

Sobre minha produção, imagino que a coisa melhore quando fotos, vídeos e músicas indígenas começarem a ter destaque no repositório e os profissionais e os índios começarem a ver nesse espaço um baú eletrônico para acessarem o conhecimento sobre si mesmos ou para desencadear ações políticas, educacionais, entre outros desdobramentos. Na massificação do processo (que nunca será massificado, pela natureza do conhecimento que se produz, sempre será acessado por um extrato) vejo:

- * incluir os outros programas;
- * colocar o link da rede nos outros programas;
- * inserir os relatórios PST, PELC no repositório. Adoraria, por exemplo, ver a prestação de contas dos Jogos no repositório. Não só pela visibilidade ou pela transparência, mas também como mais uma fonte para pesquisas.

Rodrigo: De forma mais ampla, como você percebe o caso do Repositório e outras Tecnologias de Informação e Comunicação no âmbito da gestão da informação e do conhecimento?

Giuliano: Apesar da pressão, vejo que as pessoas filtram qual TIC irão usar. Assim, quanto mais intermodal for o Repositório, mais chances ele tem de se espriar nessa disputa desigual com outros repositórios e fontes. Para finalizar, acho que a política da SNDEL no futuro terá que deslocar a importância da produção do livro para as novas TIC. Isso precisa ser repensado

[FINAL DO DEPOIMENTO]